Anno de 1844. Sexta Feira 1.° de Março Anno XX. N. 50.

O Diario publica-se todos os dias que não forem santificados: o preço da assignatura he de tres mil rs. por quartel pagos adiantados. Os annuncios dos assignantes são inseridos gratis, e os dos que não forem á razão de 80 reis por linha. As reclamações devem ser dirigidas á esta Typ, rua das Cruzes n. 34, ou á praça da Independencia loja de livreen 6 e 8

PARTIDA DOS CORREIOS TERRESTRES.

Goianna, e Parahyba segundas e sextas feiras. — Rio Grande do Norte, quintas feiras — Cabo, Serinhaem Rio Formoso, Porto Calvo, Maceyó, e Alagoas: no 1.° 11 e 21 de cada mez. — Garanhuns e Bonito a 10 e 24 de cada mez —Boa-vista e Flores a 13 e 28 d.to. — Cidade da Victoria, quintas feiras. — Olinda todos os dias.

DIAS DA SEMANA.

26 Seg. s. Torcato Aud. do J. de D. da 2. v.
27 Terça s. Leandro. Rel. aud. do de D da 3. v.
28 Quarta Temporas s. Populo Aud do J. de D. da 3. v.
29 Quinta s. Romão. Aud. do J. de D da 2. v.
1.° Sexta Temporas s. Adrião Aud. do J. de D. da 2. v.
2 Sab. Temp. s Simplicio. Rel. aud. do J. de D. da 1. v.
3 Dom 2.° da quaresma s Hemeterio.

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação e energia: continuemos como principiámos, e seremos apontados com admiração entre as nações mais cultas.
(Proclamação da Assembléa Geral do Brazil.)

CAMBIOS NO DIA 29 DE FEVEREIRO.

Cambios sobre Londres 25 ¼.
» » Paris 370 reis por franco
» » Lisboa 108 por 100 de premio

Moeda de cobre 5 por cento e não ha.
Idem de letras de boas firmas 1 a 1¼

Ouro-Moeda de 6,400 V.	17,200	Nominal.
» » » N.	17,000	
» » de 4,000	9,000	
Prata--Patacões	1,920	
» Pesos columnnares	1,940	
» Ditos mexicanos	1,920	

PHASES DA LUA NO MEZ DE MARÇO.

Lua cheia a 4 as 6 horas e 42 min. da tarde.
Minguante a 11 as 11 horas da manhã.
Lua nova a 18 as 9 horas e 57 min. da tarde
Crescente a 27 as 2 h. e 41 m. da manhã.

Preamar de hoje.

Primeira as 2 horas e 6 min da manhãa. | Segunda as 2 horas e 31 minutos da tarde

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

Manoel Alves Branco, presidente do tribunal do thesouro público nacional, participa ao snr. inspector da thesouraria da provincia de Pernambuco, que pelo commandante do vapor *Todos os Santos* J. H. Ottense remette cem contos de reis em notas pequenas, para continuação da substituição das que ahi teem de ser tiradas da circulação, confórme pedio em seu officio de janeiro ultimo, sob n. 6.

Thesouro público nacional em 8 de fevereiro de 1844. *Manoel Alves Branco.*

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

Pela barca americana *Jowa*, entrada de Montevidéo á 24 do corrente com 10 dias de viagem, veio a noticia de terem as tropas de Oribe atacado a praça, onde não puderão penetrar. O fogo durou 4 horas, perdendo os sitiados 200 e tantos homens. Oribe voltou novamente á occupar a posição anterior, deixando prisioneiro um official superior: não consta porém o prejuizo, que elle tivera.

O snr. conde Ney, encarregado dos negocios da França no Brasil, chegou á esta corte no dia 31 de janeiro, a bordo da fragata *Africaine.* O snr. Almirante Laine, commandante da estação franceza nos mares do imperio, veio tambem na fragata, e já teve a honra de ser introduzido á presença de S. M. o Imperador na audiencia de 3 do corrente.

— O snr. de Lagréne, embaixador da França junto ao Imperador da China, teve a honra de ser admittido com as pessoas de sua comitiva á presença de S. M. o Imperador, em audiencia particular no paço da Boa-vista, no dia 3 do corrente. S. Ex. entregou a S. M. cartas de SS. AA. RR. o principe e princeza de Joinville; e depois de algumas palavras de amabilidade forão o snr. de Lagréne, e as pessoas de sua comitiva apresentados a S. M. a Imperatriz, por quem já havia sido recebida em audiencia particular a senhora de Lagréne.

— A barca hamburgueza *Julie*, que havia sahido deste porto para Hamburgo, com escala por Falmouth, em 2 de outubro, naufragou a 9 de dezembro no Gelbsand, perto de Cuxhaven. A' excepção dos snrs Liebich, e Pinckernell, relacionados com casas desta praça, e que havião desembarcado em Falmouth, perecêrão toda a tripolação, e passageiros; entre estes contava-se o snr. Luiz da França Miranda, joven Brasileiro, que ia estudar á Allemanha.

Suicidio.

Hoje (24 do janeiro) ás 7 horas da manhãa suicidou-se, com um tiro de pistola, o snr. Felis José dos Santos, antigo negociante, morador na rua do Sabão da Cidade-nova.

(*Sentinella da Monarchia.*)

PERNAMBUCO.

Rendimento total d'alfandega de Pernambuco no mez de fevereiro de 1844.

Rendimento total		171:288.274
Restituições		122,286
		171:165,988
Chá 50 por % a dinheiro	221,760	
» 50 por % em assignados	4:100,170	4:321,930
Polvora 50 por % a dinheiro	590,625	
» 50 por % em assignados	1:885,518	2:476,143
Vinhos, e liquidos esperituosos: a saber		
48 ½ por % a dinheiro	1:121,678	
48 ½ por % em assignados	13:698,668	14:920,346
Diversas outras mercadorias: a saber		
15 por % a dinheiro	14:093,651	
15 por % em assignados	92:980,923	107:074,574
Joias 5 por %		207,300
Armazenagem addicional de 3 ½ por %		26:725,729
Reexportação 2 por o/o		110,820
Baldeação 2 por o/o		—
Expediente de 1 ½ por o/o		11:880,863
Generos nacionaes ½ por o/o		21,417
Premios dos assignados ½ por o/o		2:534,867
Armazenagem de ¼ por o/o		73,460
Multas		25,491
Emolumentos de certidões		3.520
Sellos dos despachos		788,528
Sello de 160 rs. por baralho de cartas de jogar		—
Imposto de 240 rs. por alqueires de sal		—
Rs.		— 171:165,988
Renda geral		144:440,259
Dita applicada		26:725,729
		171:165,988

O escrivão d'alfandega,
Jacome Gerardo Maria Lumack de Mello.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

O vapor *Todos os Santos* chegou hoje (29) á este porto, vindo do Rio, d'onde sahio a 9, tendo arribado á Porto-seguro, por falta de combustivel. Este vapor nenhuma noticia adianta ás que tinhamos da côrte, por ter sahido trez dias sómente, depois do *Trez-de maio*: as provincias onde tocou ficavão em paz: nas Alagoas havia o snr. Peretti tomado posse da presidencia no dia 8.

Miscellanea.

O GENIO DAS ARTES.

(*Continuação do numero antecedente.*)

Chegados á estes termos, podemos já sem passar ávante responder á esta questão, que muito nos maravilha, com quanto seja frequentemente acceitada em nossos dias — a arte está morta? a poesia está morta? — Bem sei eu, que muitos homens escrevem, e publicão, que já lá vai tanto uma como outra: mas eu, que tenho passado minha vida á examinar os povos estrangeiros, accrescento, que só entre nós (Francezes) tenho achado a expressão deste sentimento de deterioração, e que em todas as mais partes estas theorias de morte passarião por insensatas. Pois a poesia está morta, a arte está morta? por certo que é esta uma grande novidade, e que corre parelhas com a da morte de um principe, ou d'um rei da terra, se por ventura, como eu imagino, a arte é de tão boa prosapia, como qualquer d'entre elles. E quem vio, e quem lhe fez o funeral? seria Goethe, e Schiller, Chateaubriand, e Byron, que hontem andavão de dó? — Custa-me a crer, que aquelles, que se fazem portadores desta mensagem, lhe conheção toda a sua grandeza; porque em fim sabeis vós as condições, que seria necessario reunir, para que ella fósse verdadeira? Eu vol-as digo. A primeira seria, que este paiz (França) estivesse perto da sua ruina, e que em si mostrasse todas as notas d'uma prematura decrepitude. E pensais vós isto deste paiz? Que demais disso, esta morte do estado não seria ainda bastante, porque não é tão facil, como se julga, corrigir o mundo de sua antiga paixão pelo *bello.* — Seria de mais a mais necessario, que Deos tivesse desapparecido da natureza, e da consciencia dos homens, bem á maneira d'um sacerdote, que se retira do templo, quando se concluirão as funcções do culto. E é isso, o que pensais de Deos? — Oh! se tudo isto é verdade; se todos os corações estão vasios, mesmo de pezares, e de desejos; se não ha já culto interior, nem patria, nem cidadãos encorporados, nem lares, nem familia, nem França, então sim, então teem elles razão; então a arte, e a poesia jazem no mesmo sepulchro, que o estado; o bello moral não é mais, que um artificio enganoso, e vós todos, que ainda tentais de lhe descobrir os vestigios, ou pelo pincel, ou pelo cinzel, ou pela prosa, ou pelo verso, vós todos, escriptores, artistas, esculptores, pintores, sois os mais insensatos dos homens; para sempre extraviados sem esperança de tornardes á vosso caminho, não vos resta mais, do que assentar-vos á par uns dos outros, sem mais nada imaginar, sem mais nada ousar; porque não ha pintura do vacuo, nem architectura do nada, nem poesia, do que não existe; e a morte só por si não é capaz de produzir no tumulo, nem se quer a extravagancia d'um delirio. — Mas se pelo contrario tudo, o que acabo de dizer é falso; se não é verdade, que esta sociedade esteja morta, (e que impia hypothese!); se não é verdade, que Deos tenha desamparado o mundo; então tudo está salvo, o infinito nos resta, e que mais nos é preciso? então em vez de serem insensatos aquelles, de que eu acima fallava, e que tentão conservar entre nós a religião do *bello*, teem por si a razão eterna. — Não sejamos pois apressados em desesperar do futuro: se a vida nos escapa, evitemos o maldizel-a; e façamos quanto em nós cabe para não frustrarmos antecipadamente os recemnascidos em seus berços; deixemol-os crescer, que elles farão o que nós outros não temos sabido fazer.

Mas tornando ao que dizia-mos. Se todos os artistas do mundo tendem ao mesmo fim, esta alliança é mórmente evidente entre aquelles, que pertencem á mesma ordem de civilisação. Seja qual fôr a differença dos processos, dos instrumentos, dos meios d'execução, todos se applicão no mesmo tempo á imitação do mesmo modelo Não se me pergunte aqui a definição do *bello* abstracto, e soberano, que para responder tinha, que esperar, me fôsse dada a do *infinito*, do *verdadeiro* supremo. O que é certo, é que o *ideial* dos artistas não é uma abstracção nascida nas escolas de philosophia; é um dogma vivo, um raio da revelação universal, um objecto de fé, uma tradição legada pelos antepassados, e a qual a liberdade da arte corrige, enfeita, ou desfigura. N'uma palavra o culto, a religião nacional, eis-ahi a fórma visivel d'este modelo invisivel. — Para tornar esta verdade mais palpavel, buscarei um exemplo, não na antiguidade; mas sim nos monumentos, que nos

FOLHETIM.

ADHÉMAR. (*)

8.°

A casa de lady Harwood estava brilhante. Erão apenas 10 horas, e já os salões estavão apinhados de gente, que se dispunha á gosar de uma noute deliciosa. Tudo havia sido tão bem disposto, que nada faltava á completa satisfação dos convidados: depois da meia noute esperavão-se os cantores da opera, e outras muitas sorpresas agradaveis estavão preparadas. A mobil assembléa offerecia curiosissimo espectaculo; os grandes nomes do passado se união aos do presente: os representantes da antiga monarchia s'achavão confundidos com os herdeiros dos heroes do imperio; escriptores, e artistas abalroavão principes, duques, e diplomatas; havia fusão das duas camaras; advogados saudavão á generaes; medicos conversavão com banqueiros: os novos favorecidos da fortuna, esquecidos da sua obscuridade do outro dia, se içavão sobre o seu orgulho, e procuravão tornar tributarios homens, que lhes erão superiores por nascimento, e por merito. Era uma Babel de nomes, de interesses, de linguas; um muséo de mil variedades da especie humana. Como sempre, as mulheres estavão encantadôras, e as que ainda o não estavão devião tornar-se antes do fim do baile; tantas graças, e esplendor dão o prazer, os ornatos e a necessidade de agradar!

Hortensia appareceo, acompanhada de sua tia. Sua entrada produzio viva sensação; todos mostravão a joven condessa, cujo nome passava de bôcca em bôcca; o seu porte, e vestuario erão um objecto de controversia, de elogios enthusiastas, ou de fortes criticas. Muitos moços a fôrão saudar; mas, contra o costume, mostrou indifferença completa, fallou pouco, e essas poucas palavras erão frias, e nada tinhão de animadôras. Sentada, e immovel parecia uma estatua, e a pallidez, que lhe cobria o rosto, podia justificar esta comparação. Mas quando ella deo a mão a um estrangeiro de distincção, e se levantou para tomar lugar em uma das contradansas, passárão-lhe pelos ouvidos estas palavras, que uma dama pronunciava por detraz della:

— Que! Mme. de Méane veio ao baile, apezar do que aconteceo esta manhãa á seu marido!... Oh! isto é escandaloso!

A condessa ficou aturdida; estas palavras havião-lhe atravessado o coração com punhaladas: « apezar do que aconteceo á seu marido! » Qual era o sentido de semelhante enigma? Nunca o prazer lhe parecêra tão longo como essa contradansa, durante a qual parecia a Hortensia lêr em todos os rostos censura, e ironia. Procurou com os olhos, logo que foi reconduzida ao seu lugar, algum amigo, que podesse informal-a, do que succedêra a seu marido; mas um incidente inesperado lhe poupou o incommodo de fazer perguntas, para que talvez acharião difficeis respostas os interrogados.

A duqueza de Mézières entrou, fazendo muita bulha, como era de seu costume. Vinha vestida muito simplesmente, e parecia muito agitada. Lady Harwood apressou-se em vir apertar-lhe a mão, e agradecer-lhe a sua exactidão:

— Oh! snra., diz a duqueza, ainda que a sua funcção seja encantadôra, não conto demorar-me mais do que um momento.

Instada a explicar-se, ella accrescentou:

— Estou muito agoniada... Sabe o que aconteceo á meu sobrinho?... O pobre rapaz teve um duello, e ficou perigosamente ferido... Elle, que se gabava de não haver jámais encontrado um adversario da sua fôrça.

Hortensia havia-se inclinado, e ouvia com avidez, cobrindo com o leque uma parte do rosto.

— E quem foi esse adversario? perguntárão-lhe.

A duqueza respondeo com grande desdém:

— Um homem, que ninguem vê em parte alguma, Mr. de Méane.

A condessa soltou um ligeiro grito. Immediatamente toda a attenção voltou da duqueza para ella. Uns respeitavão uma emoção tão natural; outros dizião: « A mulher do conde não podia ignorar esse duello... ao menos é inverosimil. » Esta avida, e indiscreta curiosidade acabrunhava Hortensia, que tomou o partido de rogar á dona da casa a levasse para uma camara retirada. Longe de se vexar a senhora Valleray, sentia-se muita satisfeita de servir com sua sobrinha de ponto de mira a todos os olhos, e discursos da assembléa; e tão absorvida estava no cuidado de responder á todas as perguntas, que se lhe fazião de todos os lados, e de explicar a ignorancia, em que se achava, das acções do snr. Méane, que nem

(*) Vide *Diario* n. 40, 41, 42, 46, 47, 48, e 49.

cerção. Finjamos, pelo pensamento, que perante nós se levanta uma cathedral. Veremos como um numero prodigioso d'artistas concorrerão para concluil-a ; e todos, sem se conhecerem, exprimirão por meios differentes uma mesma ideia. — A primeira das artes, aquella, que serve de apoio á todas as outras, é a architectura. Qual é o seu caracter ? essa vasta nave com suas duas capellas lateraes em fórma de cruz, que figura o côrpo de Christo no sepulchro (a); esse mysterio ; essa luz escaça, que quasi se confunde com as trévas ; essa torre principal, que, como imagem do poder espiritual, sóbe até ás nuvens ; não é tudo isto o edificio, não da carne, mas do espirito ? Cheguemo-nos mais de perto, que a architectura não fez tudo. Nesses nichos habitão estatuas, povo de pedra, nascido para este monumento. O pensamento escripto nas abobadas, e nos pilares reapparece mais visivel nas feições, na attitude, e até mesmo nas dobras dos vestidos destas persomagens. Reis, bispos, imperadores ahi leem eternamente em seus livros de pedra ; em todos scintilla o mesmo espirito. Que maceração, que humildade, que ascetismo ! uma só alma respira nas fórmas da esculptura, e nas da architetura Mas ainda isto não basta : a casa do invisivel não é sómente uma obra de architectos, e de estatuarios ; os pintores tambem ahi meterão sua mão, e a revestirão interiormente dos *frescos* do 13.°, e do 14.° seculos ; e serão, ou já as vidraças do norte, ou já os mosaicos dos Bysantinos, ou já mais de pressa as pinturas de Giotto, de Buffalmaceo, d'Orcagna, e de Fiesole nas igrejas de Toscana. Ainda mesmo aqui, que culto da paixão do Golgotha ! que imperio do espirito ! que abnegação da materia, e do côrpo ! Parece, que não seria possivel insinuar-se mais profundamente no imperio das almas ; e todavia ainda não acabei, ainda a maravilha dista muito de estar completa. A cathedral é muda; ella vai fallar; a musica vai corôar as outras artes ; elevar-se-hão cantos do meio do silencio das abobodas ; e quaes serão elles ? O canto gregorianno, o *Dies iræ*, o *Te-Deum* ; e a expressão destas melodias liturgicas é por tal arte confórme com a do monumento, que direis, estes cantos se exhalão dos labios das estatuas, e da turba das figuras das vidraças, e dos frescos, como de um grande côro de entes sobrenaturaes. Tanto é verdade, que o mesmo modelo invisivel se revelou a todos os artistas, que dérão vida á este composto, fôssem elles architectos, estatuarios, pintores, ou musicos ; e esse modelo é o mesmo Christo.

Para que traria eu tudo isto ? seria sómente para recrear por um momento vossas imaginações ? Longe de mim tal pensamento : o que eu quiz foi estabelecer, que o *ideial*, que reina sobre toda uma civilisão, é a religião ; que é ella, que dá á todas as artes de uma mesma sociedade o mesmo ar de familia, e de alliança, de maneira que, conhecida uma só d'entre ellas, se poderá d'algum modo vir no conhecimento de todas as outras d'onde resulta esta lei geral, que as revoluções nas artes são determinadas pelas revoluções nas religiões Se quizerdes portanto saber, em quantas épocas se divide a historia das artes, começai por indagar quantas épocas teem havido na historia dos cultos, e ahi achareis a resposta. Quantas vezes tem mudado a figura, sob a qual o homem tem representado o pensamento da divindade ; outras tantas tem mudado o seu ideial nas obras de imitação. É por isso, que as phases principaes do desenvolvimento das religiões nos vão servir não sómente á distinguir as phases das revoluções nas artes, mais ainda á determinar a natureza de cada uma dellas.

Cumpre todavia notar antes de tudo a differença da fé, e da poesia, do culto, e da arte. Esta ultima, re lisando por fórmas palpaveis a ideia de Deos, tal como é concebida pelos povos, ou imposta pela tradição, altera-a, e transfórma-a inevitavelmente. Ao principio contenta-se de copiar os typos consagrados pelo sacerdocio ; faz em certo modo parte da liturgia ; não ha liberdade, não ha invenção alguma na escolha, nem na fórma dos objectos representados ; e quanto mais profunda é a fé, tanto mais avassallado é o artista. Com tudo pouco a pouco a imaginação se substitue ao costume; as fórmas se aperfeiçoão adquirindo mais liberdade ; o genio individual cria para si no proprio sanctuario uma crença particular; muda, innova á seu arbitrio ; em vez de seguir a trilha dos antepassados, segue aquella, que a si proprio abrio ; por fórma, que se póde asseverar, que a arte medra só á custa da tradição; e que, nascida do culto, mais inclinando para a heresia, tende per si mesmo a destruir, o que lhe deo o ser.

Isto posto, a primeira época das religiões começa no oriente com a historia civil dos povos da Asia superior, e ahi se encontra pantheismo visivel, infinito material, culto da natureza, do Deos-universo, e da creação, que ainda não experimentou a soberania do homem. Porque especie d'arte visivel poderá ser representada esta fórma de religião? seria necessario descobrir uma arte, que podesse elevar-se á uma certa perfeição, sem que a figura do homem podesse deixar nella impressão sua. E ha arte semelhante ? sim, ha, é a architectura. E com effeito nem as columnas, nem os pórticos, nem os remates destes fôrão fórmados sobre o modelo da figura humana. Os capiteis recordarão por ventura o abrimento das palmeiras, e dos acanthos ; os obeliscos recordarão os picos de granito dos plainos do Egypto: mas em todas estas cousas é a natureza sósinha, geologica, ou vegetal, que occupa a mente do artista, e não a humanidade, ausente ainda de suas obras. Accrescente-se á isto, que d'entre todas as artes é a architectura a mais appropriada ao genio de uma sociedade fórmada de tribus. pela maior parte das vezes é obra de gerações continuas, e não de um só individuo. Todo um povo dá ás pyramides um contigente do seu trabalho; ninguem lhe deixa gravado o seu nome; e por esta duplicada razão, tirada da constituição religiosa, e civil, o genio do oriente será representado pela architectura. É no oriente, que esta arte chegará logo antes de todas as outras á um genero de sublimidade, que ainda hontem fazia bater as palmas ao exercito francez nas ruinas de Thebas.

A segunda revolução na historia das religiões rebentou na Grecia. Foi então que pela primeira vez a humanidade se adorou á si mesma. Que arte reproduzirá esta phase nova na ideia da Divindade, qual poderá fazer a apotheose da creatura, e pôr a humanidade sobre o pedestal ? não se carece de mais explicações ; será a estatuaria ; e por tanto será esta a arte da Grecia, a qual naõ pertencerá verdadeiramente senão á ella : mas desta origem mesmo nascerão as leis principaes, que devem regel-a. Se a estatuaria é em seu principio a apotheose do homem, se ella representa o genero humano, que tomou o Olympo por pedestal ; não é uma consequencia necessaria o divinisar o seu modelo, despil-o de tudo o que elle tem de mudavel, de ephemero, de mortal ? sim certamente ; é preciso que elle fique isento de todas as circumstancias variaveis do tempo e do lugar, ou por outras palavras, que a estatuaria represente a humanidade nua e abstracta : revestila-ha do divino como d'um manto ; fará por exprimir antes o espirito de toda uma vida, do que um accidente particular : o objecto de sua imitação será o homem immortalisado, e que em seu orgulho já tem bebido do celeste licor do Olimpo ; quererá para suas personagens, pelo menos, semideoses, se por ventura não forem deoses ; e n'uma palavra, toda a estatuaria é já uma apotheose. Arte pagãa, é pelo paganismo que ella chegará á conseguir toda a sua altura.

Entre os Romanos, como quer que a religião fosse á certos respeitos a mesma, que entre-os Gregos, tambem a *arte* foi a mesma em apparencia, e sómente se modificou, porque já antes della se havia modificado o *ideial*. A' adoração da humanidade sobre o Olympo substituirão o culto da cidade politica ; razão, por que as artes, em que elles forão verdadeiramente inventores, forão as que servirão para decorar a cidade, não por meio de estatuas, e de templos. mas sim de portas, de ruas, de columnas triumphantes ; monumentos todos, que manifestavão a apotheose da associação civil, e que fazião de Roma a cidade eterna, ou a morada dos deoses terrestres.

Com o christianismo uma nova revolução religiosa se consumma, e esta revolução traz comsigo outra nas artes ; ou antes direi, que em certo modo traz comsigo uma arte nova. A humanidade até alli divinisada pelos Gregos, abdica na presença do Creador ; já não reina sob a figura de Jupiter ; o sensualismo pagão é condemnado ; o crucifixo é o emblema deste novo *ideial* ; e uma *arte* menos sensual, pois que apenas é dependente do sentido da vista, se torna por excellencia a arte dos tempos christãos ; e essa arte é a pintura. Que resta da apotheose do homem ? as personagens já não apparecem alçadas sobre um pedestal superior á todo o universo visivel ; já não vivem n'uma eterna immobilidade, nem no repouso celeste do empyreo. Pelo contrario soffrem o combate de todas as agitações da vida terrestre, e achão se cercadas das mais particulares circumstancias, que melhor determinão a impressão do tempo, e do lugar : o homem não é considerado aqui abstractamente ; é um certo homem em um momento particular. D'alli vem, que tudo o que serve á fixar o caracter individual é das attribuições desta arte, como o vestuario, a côr, a disposição geral dos objectos ; e a pessoa divina, e humana depois de ter sido consagrada pelo christianismo, fundou desta maneira entre os modernos o reinado da pintura.

De mais disso o christianismo, se não creou, ao menos revelou o genio, da musica, a mais espiritual das artes, da qual se póde dizer, que, bem como a voz do Deos-Espirito, penetrou até a alma sem o intermedio dos sentidos. O protestantismo desde o seu principio excluio do templo as outra artes, mas conservou, e desenvolveo esta, a qual de mais a mais é d'entre todas a que mais prescinde d'uma crença formal, e d'um symbolo fixado pela tradição. A sua época de perfeição não é a da fé ; é sim a época da philosophia. Mozart, e Beothoven são contemporaneos de Kant, e de Hegel.

Em fim no pinaculo das artes se levanta a poesia, que até certo ponto as comprehende todas. Ella é architectura, porque construe, e edifica ; esculptura, e pintura, porque põe em relêvo, e mostra aos olhos do pensamento o mundo intelligivel ; e é principalmente musica, e harmonia, o que verdadeiramente constitue a sua essencia. Com ella termina a escála da belleza vizivel ; e se mais a cima se quizer subir, pede-se então á arte o que só a moral, e a religião podem dar. Nesta confusão se encontra o abysmo, e com elle o desvario ; e toda a poesia, que quer ultrapassar seus limites naturaes, desfallece no vacuo ; e, passando além do dogma, vai cahir no delirio. Depois do desenvolvimento regular da poesia grega em Athenas, nesta cidade da belleza, vem o desenvolvimento extremo, e anormal em Alexandria, que é a cidade do mysticismo.

A *poesia* não sómente tem relações geraes com todas as outras artes ; mas ainda se divide em muitos generos, cada um dos quaes tem uma analogia particular com a architectura, esculptura, ou pintura. — E primeiramente sob sua fórma a mais instructiva, é *lyrica*. E' como se fosse o primeiro clamor da humanidade, que acorda no infinito : canta o Eterna com exclusão dos tempos, e Deos sem a creatura, o ente em si com preferencia aos entes em particular, e é por aqui, que toda a civilisação começa. Poesia do tempo, e da cathedral, a unica, que Platão quiz admittir na sua republica, amolda-se á architectura religiosa ; suas estancias elevão-se como columnas sagradas ; é feita para retumbar no sanctuario ; e ahi é, que ella está no seu lugar, e tem todo o seu valor. Este poema é o da ordem sacerdotal ; e aonde faltou a theocracia, como em Roma, esta poesia do hymno foi artificial, ou mesmo nem tentou apparecer.— Em segundo lugar a poesia é *épica*. Erige o homem sobre o pedestal, e tributa-lhe uma meia adoração. Isto quer dizer, que ella considera as suas personagens no mesmo ponto de vista, que a estatuaria; augmenta-as; exalta as; dá-lhes dimensões de doze covados. Por esta razão a maior parte das leis d'uma se applicão á outra. Não basta á épopeia, que as suas personagens sejão grandes, mas auxiliada pelo maravilhoso, trnnsforma-as em semideoses. Além disso, como este genero de poesia se alimenta com preferencia de recordações, tem principalmente origem nas épocas fecundas em tradições de familia ; naquellas épocas em que predomina o espirito aristocratico, que é o que melhor perpetúa as tradições. Assim que examinando um após outro todos os herôes da épopeia heroica não se achará um só, que não pertença á casta militar, ou nobre. Achilles, Eneas, o Cid., Arthur, Carlos-magno ; nenhum delles sahio da classe inferior do povo. A épopeia heroica foi o canto da classe militar dos Indios, dos Gregos, do feudalismo christão ; é o poema natural de toda a aristocracia. Pelo contrario o poema *dramatiro* é obra da democracia. Na Grecia o theatro se desenvolve melhor na democracia dos Jonios, do que na aristocracia dos Dorios ; e entre os modernos cria-se não no seio da raça feudal, mas sim na suprema igualdade da igreja, representando-se primeiramente os mysterios nas cathedraes ; ao mesmo tempo, que a épopeia da idade media, por isso que era composta pelos barões, foi principalmente cantada, e psalmodiada nos castellos. O drama sempre foi feito para o povo. No oriente, entre os Indios, era excluido da cathegoria dos livros sagrados : no occidente não ha verdadeiro drama em quanto durão as instituições da idade media ; e só chegou á sua perfeição apenas ha dous seculos, isto é, desde a emancipação da democracia. Por ultimo, se o drama tem alguma analogia com alguma das artes, de que a cima fallamos, a sua alliança é evidentemente com a pintura. Nem a comedia, nem a tragedia transformão suas personagens em semi-deoses á emitação da estatuaria, e da épopeia; deixão lhes seu genio pessoal ; muitas vezes mesmo sua fealdade physica, ou moral ; de maneira que a pintura é um drama mudo, assim como o poema dramatico é uma pintura viva.

Architectura, esculptura, pintura, musica, poesia ; taes são pois os degráos, pelos

(a) Perdôe-nos mr. E. Quinet. A nós traductores parece-nos, que fórma de cruz figura sim o côrpo de Christo no Golgotha ; mas não no sepulchro. Ou então não comprehendemos bem o sentido de suas palavras.

J. H. da C. R.

---

mais se lembrou de Hortensia. Em quanto isto se passava, uma carruagem de aluguel, conduzia a sobrinha, que quizéra deixar a sua á disposição da tia. Dava meia noute, quando a moça chegou á sua casa.

O quarto de dormir de Adhémar estava com luz A através da transparente cortina podia ver-se a sombra de uma pessoa, debruçada sobre a meza : o conde escrevia.

Ouvindo elle batter á sua porta, foi abril-a, e Hortensia se offereceo aos seus olhos...

Esta entrou, e fechou a porta ; mas como estupefacta da sua propria acção, conservou-se ao pé da porta, como um phantasma mysterioso, que espera as ordens do magico, por quem foi evocado.

Adhémar duvidava ainda, tanto esta apparição lhe parecia sobrenatural, e tinha os olhos fixos no ente immovel, que alli estava como por um milagre. O que elle sentia não sabia exprimir ; era sorpreza, emoção, resentimento ? Que resolução ia tomar? Devia ser o primeiro á fallar? Esperaria, que a condessa explicasse o que queria dizer a sua presença ? Todos estes pensamentos se lhe apresentavão ao espirito ; mas por certo não lhe havia passado pela ideia, que a causa da visita lhe fosse lisongeira.

A moça estava admiravelmente bella ; á lhe verdes os raios, que lançavaõ seus olhos pretos, o movimento nervoso, que agitava todo o seu côrpo, o tremor dos labios, dirieis ser uma dessas pythonissas d'outro tempo, que a antiguidade collocava sobre a tripode do Deos de Delphos. O vestuario de Hortensia augmentava a illusaõ : seu vestido branco, de fórma grega, tinha grandes pregas, e parecia a capa de uma estatua ; um fio de ouro cingia-lhe os cabellos, largos braceletes, ornados de camafeos, estavaõ atacados aos braços nús. Estes ornatos davaõ á Hortensia uma apparencia de visaõ, e tanto encantava, que era forçoso ou adoral-a, ou fugir-lhe.

O conde levantára-se, e déra um passo para Hortensia, mas um só, sem achar-se com fôrça de ir mais longe, e até necessitando de apoiar-se ás costas da cadeira, de que se erguêra. A condessa arrastou-se para um canapé, que ficava proximo á porta, e ahi se deixou cair encobrindo o rosto entre as mãos. Quando ella o descobrio, estremeceo... Adhémar éstava em frente della, e a considerava com gravidade e attenção. A condessa vio que era tempo de fallar, para se justificar de ter alli ido, só, e de noute.

— Senhor, balbuciou ella.. eu...

— Tranquilise-se, minha snra., disse o conde com bondade ; sou eu acaso tão terrivel ?... qual de nós dous está acostumado á obedecer ao outro ?.. Se a snra. teve a fantesia de aqui vir, nisso não ha crime ... a casa é sua.

Hortensia invocou toda a sua energia, e, tirando coragem do sentimento da necessidade, continuou com vos fortalecida.

— Deixemo-nos dessas palavras refolhadas, e quasi diplomaticas, de que nos temos servido mutuamente até aqui.. O Sr. encobre os seus pensamentos, pois eu lhe dissimularei os meus, e ainda que me humilhe, confessarei todas as minhas sem-razões.

As feições de Adhémar exprimiraõ o seu espanto.

A condessa, cada ves mais arrebatada pelos sentimentos, que lhe borbulhavaõ no coraçaõ, accrescentou :

— E quando eu naõ ousasse confessar, que tenho sido injusta, e cruel, deixaria o Sr. por isso de o conhecer?,.. Oh! que sim, que muito injusta, e muito cruel tenho sido !

— Que diz a Sra ?

— Tanto sinto por mim mesma, desprezo, e aborrecimento ; quanto ao Sr. honro e ...

Hortensia parou... o conde mal podia respirar. Sentou-se no canapé junto á Hortensia As maõs se encontrâraõ.

— Como o tenho feito padecer, proseguio Hortensia... e elle taõ bom, taõ paciente, taõ amante... Elle naõ tinha desejos, eu satisfazia todos os meus caprichos; elle naõ tinha luxo, eu passava uma existencia dessipada ; elle vivia triste, eu mergulhada em prazeres. Oh! que ainda assim eu naõ era feliz... minha censciencia naõ dormitava, e de continuo me repetia o nome de Adhémar... Mas ser-me-hia preciso ter a affouteza de me dirigir ao Sr., de me lançar aos seus pés, dizer-lhe, que eu era a mesma, que a minha razaõ tinha amadurecido... e tinha medo de ser repellida!

— Repellida!... quando eu só vivia para amal-a, e me naõ podia curar deste mal funesto!

— O Sr. me amava?...

— Sim, como um louco... Para vêl-a olhava de continuo daquella janella para a do seu quarto... Espreitava o momento, em que a Sra. devia sahir, ou entrar... Enviava-lhe as ternuras da minha alma... depois arguia-me da minha fraqueza, e covardia.., procurava descobrir-lhe defeitos...

— Eu tinha tantos!

— E naõ podendo conseguir detestal-a, cho-

quaes é dado à imaginação humana elevar-se até à belleza immortal; é a escada de Jacob, sobre a qual se elevão constantemente as contemplacões do espirito humano; por uma parte firma-se na terra, e por outra toca no céo. Mas são estas com effeito todas as artes, que nos pódem dar accesso para a belleza divina? receio bem ter omittido a primeira, e a mais importante de todas; e se os modernos a não contemplão nas suas theorias, os antigos tinhão muita cautella de a não esquecer nunca. E esta arte soberana, que outra póde ser senão a da sabedoria, a da justiça, a da virtude, ou para dizer tudo d'uma vez, a arte da vida? E com effeito toda a vida humana não é em si mesmo mais do que uma obra da arte: cada homem, quando nasce, traz com sigo em seu coração um certo *ideial* de belleza moral, que deve à pouco, e pouco relevar, exprimir, e realizar por suas obras. Sim, direi tudo quanto penso: ha um Phidias em cada um de vós, porque ha Phidias em toda a creatura moral. Sim; todo o homem é um esculptor, que deve corrigir o seu marmore, ou o seu barro até fazer sahir da massa confusa de seus grosseiros instinctos uma pessoa intelligente e livre. O justo, quero dizer, aquelle, que regula suas acções por um modelo divino; aquelle que sabe, quando é preciso desgastar a vida mortal, assim como o esculptor desgasta o marmore, para attingir a estatua interior, Socrates bebendo a cicuta; S. Luiz na sua cama de cinzas; Joanna d'Arc no meio da batalho...: quem mais nomearei? Napoleão! não Napoleão imperador, mas sim Napoleão na ponte d'Arcole: n'uma palavra dê-se-lhe o nome, que se lhe der; ou se chame heroe, ou santo; eis-ahi o ultimo termo, e o remate do *bello* sobre a terra. Eis-ahi o poema, o painel, a harmonia por excellencia; porque é uma harmonia viva, um poema vivo. A obra, e o obreiro estão ahi intimamente unidos, e confundidos; e para além nada mais ha, a não ser o proprio Deos.

(E. Quinet: na Revue des deux Mondes.)

J. H. da C. R.

COMMERCIO.

Alfandega.

Rendimento do dia 29.......... 11:168$984

Descarregão hoje 1.°

Barca — *Espirito-Santo* — diversos generos.
Barca *Elisa Johnston* — fazenda, e louça.
Brigue — *Rolla* — diversos generos.
Barca — *James Stuart* — bacalhao.
Brigue — *Cicely* — ferro, e carvão.
Brigue sueco — *Julia* — taboado.
Brigue — *Colombo* - sal.

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 29.

Rio de-janeiro pela Bahia, e Macció; 19 dias; paquete de vapor brasileiro *Todos os Santos*, de 120 toneladas; commandante J. H. Otten; equipagem 25: passageiros, desembargador Antonio Joaquim de Siqueira 3 escravos, e 1 menor; Major Manoel Casimiro Roza, Sergio José Ferreira, e 1 escravo; Dr. Manoel Duarte Faria, José Maria Pinheiro Vasconcellos; Luiz José Murinelli, Luiz Mendes Ribeiro; Candido Goncalves da Rocha, Manoel Martins Torres; Silvestre José de Sousa Vianna, Antonio Agnello, e 1 escravo; Pedro Nunes da Fonseca, e 1 escravo; Carlos Ferreira França; Augusto Leal de Menezes, Pedro Leal de Menezes, e 1 escravo; Angelo Francisco Ramos, Pedro Muniz Barreto d'Aragão; Francisco Theotonio da Cruz, Manoel Jorge da Costa Vellozo; Manoel Joaquim d'Almeida, Domingos Bento Moeda; Manoel José de Carvalho, Manoel Cezar Bizerra, e 1 escravo; Rozendo Cezar de Gois, e 1 escravo; Brasileiros; Francisco José Gonçalves de Macedo, Portuguez; Mr. Gabawet, Francez.

Aracaty; 22 dias; brigue-escuna brasileiro *Deliberacão*, de 210 toneladas; capitão José Joaquim de Almeida; equipagem 14; carga varios generos: passageiros, Manoel Joaquim de Lacerda, Boaventura José de Aragão, Francisco de Paula Fernandes Macieira, e sua familia, José Ferreira da Silva, José Caciano Pamplona; Brasileiros, e 3 escravos à entregar.

Navio sahido no mesmo dia.

Goianna; hiate brasileiro *Conceição-do-Pilar*, capitão Francisco Rodrigues Brito; carga lastro.

Declarações.

— O vapor *Todos os Santos* recebe as malas para o norte no dia 2 do corrente as 2 horas da tarde.

— Cartas seguras existentes no correio para os senhores: Bento José Fernandes Barros, padre Christovão de Hollanda Cavalcanti, José Gomes Martins, João Pedro de Araujo Aguiar, José Pereira C., Manoel Antonio Alves Brito.

= O Dr. Joaquim Nunes Machado, juiz do crime na 1.ª vara, e interino da fazenda despacha todos os dias uteis das 9 as 2 horas, e faz audiencia as quartas-feiras dos dias lectivos, sendo as quartas feriadas, nas quintas-feiras, as 9 1/2 horas: sua residencia actualmente é na rua da Larangeira n. 18.

Sua Ex. o Sr. presidente da provincia manda fazer público, para conhecimento dos navegantes, o officio abaixo transcripto, que lhe foi dirigido pelo Exm. Sr. presidente da provincia do Maranhão.

Secretaria da provincia de Pernambuco em 26 de fevereiro de 1840.

Casimiro de Sena Madureira.

OFFICIO.

Illm: e Exm. Snr. — Participo a V. Ex., à fim de que se digne mandar fazer público para conhecimento dos navegantes, que durante os mezes de julho e agosto do corrente anno estará apagado nesta provincia, para se fazerem as obras necessarias, o pharol edificado na Ilha-de-Santa-Anna, situada em 2°, 16' e 18" de latitude Sul, e 334° 10' e 40" de longitude do merididiano da margem occidental da Ilha-de-Ferro, comforme a carta do coronel Antonio Bernardino Pereira do Lago. — Deos guarde a V. Ex. Palacio do governo do Maranhão em 26 de janeiro de 1844. — Illm. e Exm. Snr. barão da Boa-vista, presidente da provincia de Pernambuco. — Jeronimo Martiniano Figueira de Mello.

Agencia dos vapores.

— Precisa-se de 2 pretos para o serviço do carvão à bordo do vapor *Todos os Santos*, na sua presente viagem ao norte, e regresso à este porto: a pessoa, à quem convier alugal-os, dirija-se à Agencia dos vapores, rua d'Apollo, para o ajuste; advertindo-se, que isto deverá ter lugar hoje por todo o dia.

Avisos maritimos.

- Para o Ceará pretende sahir até 15 do corrente o patacho *S. José vencedor*; quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se ao Forte do Mattos a fallar com Manoel de Sousa Couto, ou com o mestre do mesmo.

— Para qualquer pórto tem de sahir da Europa o superior brigue inglez *Medum* de 1.ª classe, forrado, e encavilhado de cobre; os pretendentes dirijão-se aos consignatarios Jones Paton & Companhia.

Avisos diversos.

— Miguel Augusto de Lago faz saber ao respeitavel publico, que, tendo-se mudado do lugar da povoação de Beberibe para o Atterro da Boa-vista, avisa a todo e qualque snr., que se julgar seu credor, que apresente suas contas correntes, no praso de 15 dias, a fim de serem pagos, como tambem roga aos mesmos, que lhes são devedores o obzequio de ir satisfazer, no Atterro da Boa-vista, primeiro armazem de louça, pertencente ao snr. Antonio Dias Souto, n. 1.

—Aluga-se uma casa terrea, em Olinda, rua do Varadouro, com commodos para uma grande familia, e quintal murado: na rua do Rozario estreita n. 32, segundo andar.

—Na rua das Flores, n. 21, precisa-se de duas criadas para engommarem, e cosinharem.

= Precisa-se fallar o snr. Joaquim Rodrigues, pai do snr. Antonio Caldas e Silva, morador nesta provincia, e com engenho na Serra-nova; annuncie, na ausencia do mesmo snr. seu procurador.

- Precisa-se de um menino chegado proximamente do Pôrto, que saiba lêr, escrever, e contar de 12 à 14 annos pouco mais ou menos; quem estiver nestas circumstancias, dirija-se à Rua-direita n. 2.

— Na rua das Trincheiras n. 46, segundo andar, precisa-se de uma ama para todo o serviço de uma casa de pouca familia, sendo de boa conducta, e costumes.

— Arrenda-se um grande sitio com casa, e arvoredos, e com bastante pasto para uma duzia de vaccas de leite; na Rua-bella, sobrado novo proximo a maré, ou nos Remedios a fallar com João Anastacio.

— Aluga-se um armazem com 4 portas na frente, na rua de Apollo confronte ao theatrinho; a tratar na rua da Madre de Deos, confronte a igreja, segundo andar, das 7 as 8 horas da manhãa, e das 3 as 5 da tarde.

LOTERIA

DAS

Memorias Historicas.

PREMIO GRANDE 8:000$000 RS.!

As rodas desta loteria andão impretirivelmente no dia 12 de março p. f., e os bilhetes achão-se a venda nas mesmas lojas, em que são vendidos os da loteria do theatro.

= Joaquim Ignacio, subdito Portuguez, retira-se para a Ilha-de-S.-Miguel.

= Aluga-se o primeiro andar da casa junto a do snr. Bellem, no Forte-do-Mattos; a fallar com José Ribeiro de Brito, na sua prensa no mesmo lugar.

= Abrão Crabtree, morador no sitio da Passagem-da-Magdalena n. 17, dá cem mil rs. de gratificação a quem descobrir um roubo, constando de 3 garfos grandes de meza, dous ditos de sobre-meza, uma colher grande de meza, uma dita de sobre-meza, tudo de prata, marca, uma mão segurando 1 punhal no cabo, em toda ella; igualmente 250,000 rs. em sedulas; sendo uma de 100,000 rs., e 3 de 50,000 rs., a prata tem faltado por diversas vezes, e as sedulas foi em um dos dias da semana passada.

— No dia 21 do corrente desappareceo do porto, atraz do theatro velho, uma canoa de carreira, meia aberta, com os signaes seguintes: tem um rombo no enculamento, bem no meio, tem a bacarda da prôa emendada, tem falta de uma a duas taboas no paneiro, tem banco de vella, d'amarello, e tem um pedaço de corrente na poupa; dá-se uma generoza gratificação, à quem a descobrir: na rua do Rozario larga, padaria n. 18.

= Felippe Santiago Colmenero retira-se para fóra da provincia.

= Alugaõ-se os altos e baixos da casa do sobrado da rua do Crespo n. 8: a tratar com José Alves Lima na Praça-da-Boa-vista.

= Quem quizer comprar uma canoa de carreira aberta, em bom uzo, e bem construida, propria para carregar familias para sitio, dirija-se ao Forte do Mattos na serraria de João Machado.

= Aluga-se o segundo andar do sobrado da rua da Cruz por cima da botica de Antonio Maria Magalhães Ferreira; quem o pretender intenda-se na loja da rua da Cadeia n. 40.

= Ainda esta por alugar a casa n. 82 sita em Fóra-de-portas; os pretendentes dirijão-se a rua da Cruz n. 63, a fallar com Manoel Antonio Pinto da Silva.

= Antonio do Amaral Botelho retira-se para fóra da provincia.

= Fornecem-se para as obras tijolos de alvenaria, tapamento, ladrilho, canoas de arêa, ditas de barro, tudo mais em conta que em outro qualquer, e com alguma preça: na Rua-imperial n. 67.

= Aluga-se o 1.° andar da casa n. 15 da rua da Moéda, pintado e limpo para qualquer familia decente: a tratar na rua do Queimado loja n. 44.

= O snr. F. A. da S. C. haja de vir tirar os seus penhores, que tem enpenhado pela quantia de cem mil rs. na mão de Margarida Roza de Lima, no praso de 15 dias, do contrario se venderáõ para pagamento do principal e juros, e não lhe ficará direito algum a legar.

= Uma mulher branca e de bons costumens se offerece para ama de casa de homem solteiro; quem precisar dirija-se a rua da Gloria casa n. 110.

= O sr. F. J. S. queira, no praso de 3 dias, contados da data deste, mandar pagar a pessoa, que não ignóra, 68,800 rs., saldo da quantia de 138,800 rs., que, ha bastante tempo, deve a essa pessoa, de quem se dizia amigo; mas que, apezar dessa amizade, apezar dos continuados pedidos, e instancias d'essa pessoa, apezar mesmo de saber, e ver, que ella vive sobre uma cama, sem meios de tratar-se, não tem até hoje cumprido o seu dever, e palavra, tantas vezes dadas, fazendo esse pagamento. Se, porém, o não fizer no prazo acima marcado, não se queixe de ver seu nome publicado por extenso, com todas as circumstancias, que dérão lugar a essa divida, um pouco desairosas ao Sr. S.

O annunciante previne à aquellas pessoas, que por ventura tenhão no seu nome iguaes lettras iniciaes, e que houverem de lhe dirigir perguntas, que, não podendo responder a todas, o seu silencio importa negativa, pois só responderá a pessoa, à quem se dirige, se esta fôr tão inconsiderada, que lhe faça alguma pergunta à respeito.

---

rova como uma criança...

— Pobre Adhémar!... Mas em quem suppunha você que eu pensava? Ardia no desejo de penetrar neste quarto, informava-me de todas as suas acções, atormentava os criados.. E depois se o via, se você me fallava, naõ tinha a coragem de me mostrar tal qual era na realidade, porque me haviaõ persuadido, de que você me aborrecia.

— Aborrecel-a!... Por você todo o meu sangue...

— Diz bem; esse nobre sangue, podia ter corrido esta manhãa, quando você combateo por mim, por sua mulher.

— Pois você sabe o segredo desse combate? Vejo que se naõ cumprio a palavra! As testemunhas tinhaõ promettido guardar profundo silencio...

— Graças a essa indiscriçaõ, posso mostrar-me reconhecida, posso ensoberbecer-me do homem, que me deo o seu nome, desse homem, que taõ nobremente supportou a pobreza, quando tinha a riqueza em suas maõs; desse homem, que oppôs tanta paciencia às minhas injustiças; e que em fim defendendo a minha reputaçaõ, occultava a sua victoria.

— O que fiz foi tudo muito natural

— Oh meu Ahémar, talvez me despreseis por ter assim vindo fallar-vos daste modo; talvez me regeiteis em vosso coraçaõ... sêde franco; ainda que o vosso desprezo me prostre, me mate, se me despresares, confessai-m'o; mas se pelo contrerio me amais, tenho necessidade de sabel-o.

— Sim, Hortensia, sim, eu te amo!

A rapariga estremeceo; e, deixando cahir a cabeça sobre o hombro do conde, derramou abundantes lagrimas; mas o riso se misturava com seus soluços.

— Tu me amas! exclamou ella; repete essas palavras, que tanto bem me fazem! Adhémar, meu marido, meu amigo, meu universo, tudo o que quero pôr, dissesle que me amavas... que me perdoas! Oh! naõ chores, para mim só é que devem ser as lagrimas... Tu és meu juiz, deixa-me pôr-me a teus pés!

— Sobre o meu coraçaõ, sobre e meu coraçaõ!

Ouvio-se bater à porta. A voz da Sra. Valleray soou da parte de fora. Hortensia, confusa, procurou com a vista um canto escuro para esconder-se. Adhémar foi abrir a porta; a tia, sem cruzar-lhe o batente, disse mostrando todo o seu descontentamento:

— Será possivel, que minha sobrinha esteja no seu quarto, Sr?

— Sim, Sra. respondeo elle sorrindo-se com irronia, a condessa está no seu quarto, no quarto de seu marido. Mas faz favor de entrar? Honrar-me-hia infinitamente.

— Naõ sei se o devo... Ando hoje de surpresa em surpresa.

— Entre, minha chara tia, é preciso que todos os tratados de paz se firmem ao mesmo tempo.

A tia entrou. Hortensia veio à ella de olhos baixos, e a fês sentar no canapé. A Sras Valleray passou uma vista d'olhos escrutadôra sobre os esposos, que pareciaõ dous amantes apanhados em flagrante.

— Acabo de saber, que o Sr. se batteo com um dos mais habeis duellista de Paris, para defender a reputaçaõ de Hortensia, e que ferio porigosamente o seu adversario; é isto verdade?

— É uma cousa muito simples, minha Sra.

— E' admiravel.

— Oh minha tia, muito mal o julgava Vm! se soubesse quanto é generoso! Adhémar tudo me perdoou...

— Mas eu naõ penso, que minha sobrinha tivesse cousa alguma de que accusar-se.

— Tem rasaõ, disse promptamente o conde; tudo o que se tem passado foi o resultado de uma falta de intelligencia.

— Francamente, disse a Sra. Valleray, sorrindo-se, eu suppunha, que o Sr. detestava minha sobrinha, e lh'o retribuia de todo o coraçaõ; mas se o Sr. a ama, e ella ao Sr., rigosijo-me da accomodaçaõ. Quer-me dar um abraço?

— Com grande praser... minha chara tia.

— Como isto é bonito! ha quasi seis meses, que saõ casados... e agora, é que vai comecar o noivado!... Entretanto é preciso, que eu leve Hortensia... ella está fatigada... eu lh'a restituirei amanhãa...

— Sim...mas tome sentido minho chara tia, eu cá naõ lh'a restituirei mais!...

Hortensia dispondo-se a sahir, vio sobre a mesa uma carta com o sobrescripta para ella.

— Tu me tinhas escripto! disse.

Adhémar, confuso, respondeo: Eraõ queixas, pesares... adeoses!

— Adeoses!... De sôrte quer tu devias partir, e ficarmos desgraçados para sempre!

— Essa carta enganou-se de data; eu vou queimal-a.

— Naõ, meu Adhémar, dá-m'a... eu a guardarei preciosamente; será a lição do passado, e a garantia do futuro.

(*La Patrie*) ALFRED DES ESSARTS.

FIM.

= Precisa-se de um bom amassador para trabalhar em masseira; na Solidade n. 22.

— Perdeo-se, ou furtarão da algibeira da casaca do reverendo Antonio da Silva Duarte, em a noute do dia 27 do passado fevereiro, um masso de sedulas embrulhadas em um papel de peso, sendo uma encarnada de 50$ rs., duas de 20$ rs., cinco de 10,000 rs., e uma de 5000 rs. assignada por Joaquim José Barboza, e algumas outras de um e dous mil rs.; prefazendo tudo pouco mais ou menos 140,000 rs.; se alguem as achou, e quizer restituir para salvar a sua consciencia, póde entrega-las no primeiro andar do sobrado da rua do Queimado n. 37, com entrada pelo pateo do Collegio, que se lhe guardará segredo, e se lhe dará metade desta quantia.

= O abaixo assignado faz publico pelo presente, que, tendo constituido por seu bastante procurador nesta cidade, para tratar as suas pendencias judiciarias; e qualquer, que por sua ordem ouver de fazer-se ao snr. Rodolpho João Barata de Almeida, o que teve lugar no dia 15 de julho de 1843, tem por tal motivo tornado de nenhum effeito, e como que nunca existisse qualquer procuração, que anteriormente a esta data havia constuido qualquer outro procurador, em virtude do que previne particularmente aos snrs. escrivães dos auditorios civel, crime, fazenda, e orphãos, que só o dito Barata tem poderes para assignar quaesquer papeis, termos, &c. — *Domingos Antonio Gomes Guimarães.*

— A pessoa, que annunciou querer comprar uma casa em Olinda, dirija-se a rua do Caldeireiro n. 80, que se offerece uma grande casa com bastantes commodos; assim como na mesma casa engomma-se com todo aceio, e perfeição, cose-se costuras de alfaiate tanto de seda, como de lãa, por preço commodo.

— Precisa-se de um pequeno, que tenha pratica de fazendas, para andar vendendo as mesmas pelas ruas com taboleiro; nas Cincopontas n. 68.

– Troca-se um relogio, patente inglez, muito bom regulador, o que se affiança, com o mostrador o mais rico, que se tem visto, sendo as lettras de ouro, o qual é proprio para qualquer embarcadiço; por um sabonete de prata, dando-se a volta, que for de direito; na Rua direita n. 16.

— O snr. J M. A. queira ter a bondade de ir tirar os seus penhores, que existem defronte da policia, aonde se fazem sigarros, no praso de 8 dias, senão terá o desgosto de ver por esta folha o seu nome por extenso, e se declarando todas as peças de per si, pois o tempo é bastante, ao depois não se queixe, que....

= João Marinho Pires, subdito Portuguez vai para a Bahia, com um criado Antonio Nunes Penteado, tambem Portuguez.

= Precisa-se de uma ama, que seja forra, e que tenha muito bom leite; na rua das Cruzes, sobrado da esquina, que volta para o Hospital n. 20.

— Roga se ao snr. Angelo Custodio do Sacramento queira declarar a sua morada para ser procurada.

= Precisa se de uma ama de leite; na rua atraz da Matriz da Boa-vista n. 28.

— A pessoa, que annunciou precisar de uma lavadeira, que vá buscar a roupa no domingo, para se lhe entregar d'ahi a 15 dias sem falta, haja de declarar exactamente a sua morada, e nome, por não ser na casa onde annunciou.

— Desappareceo, ou furtarão do porto da serraria da rua da Praia de S. Rita n. 25, um pranchão de amarrello com 3, ou 4 taboas com a marca IAI; quem delle tiver noticias, queira participar na dita serraria, que será recompensado do trabalho; assim como se previne, que ninguem o compre para se não pôr no risco de o perder.

— Aluga-se um sitio no Aarraial, na estrada, que vai para o Catucá, com casa de taipa, e alguns aviamentos de fazer farinha, arvoredos de fruto, boa baixa para capim, boa agua de beber, pôço para lavar roupa todo o anno, com um pedaço de capoeira no fundo, que se póde tirar bastante lenha, sendo que se faça negocio, precisa se de um anno adiantado; quem o pretender, dirija-se a Rua-nova n. 3.

= Precisa-se de uma ama, que tenha bom leite, e que seja forra, quer seja parda, ou preta; na rua da Cadeia do Recife n. 14, ou no sitio de José Pereira da Cunha, na Passagem-da-Magdalena.

— Na rua do Hospicio, casa n. 14, precisa-se de uma pessoa, que entenda de limpar laranjeiras.

— Aluga-se um sotão a pessoa capaz com pouca familia, ou homem solteiro; na rua estreita do Rozario, botica de João Pereira da Silveira

– Declara-se ao snr. João Marinho Pires, procurador encarregado dos herdeiros do fallecido commendador Joaquim José de Oliveir, a da Bahia, que tem proposto a Antonio da Silva e Companhia, uma acção de libello pela quantia de 24:860,460 rs.; que os bens do referido Silva e Companhia, abaixo declarados, se achão sequestrados pelo juiso de orphãos, escrivão Santos, nos actos de inventario, a que se procedeo por morte de Manoel Mathias de Freitas, a folhas 298, 299, e 300 nos autos, para pagamento da quantia de 33:429,177 rs., pertencentes a casa daquelle Manoel Mathias de Freitas, da qual foi administrador o dito Silva Companhia, e por isso é que deveria ter recolhido a dita quantia ao cofre dos orfãos, e como o não fez, soffreo o sequestro nos bens, a serem: uma morada de casa de 3 andares e sotão na rua do Vigario n. 8, um sitio no lugar do Cordeiro, Joanna, Benguella, Gregorio de S. Thomé; Maria, José, Angola, Manoel, do gentio da Costa; José Nagô; Matheus, do dito. Bernardo, dito; Miguel, dito; Roberto, Angola, Francisco, Benguella; Caetano, Angola; José, do gentio da Costa, é depositario dos referidos bens o snr. Bento José Alves.

SOCIEDADE PHILO-DRAMATICA

O primeiro secretario avisa aos snrs. socios, que os bilhetes para a recita de amanhãa (2 do corrente) principião a serem distribuidos hoje das 9 horas da manhãa em diante, em casa do thesoureiro; otro sim, que a commissão administrativa se reúne pelas 6 horas e meia da tarde para approvação de convidados.

— Precisa-se de um rapaz Portuguez, ou Brasileiro, para caixeiro em uma loja em Nazareth-do-norte; na rua larga do Rozario. loja de meudezas n. 20.

= Aluga-se um segundo andar e sotão, bastante grande, por 16000 rs. mensaes, sito no Recife, na rua do Codorniz n. 18; a tratar na Praça-da-independencia n. 28.

Compras

= Compra-se um páo para tipoia, mesmo com armação; quem tiver annuncie.

= Compra-se uma casa terrea em a cidade de Olinda; quem tiver annuncie.

= Compra-se uma negra moça, de nação, sem vicios nem achaques, que saiba cozinhar, engommar, coser, e que seja recolhida, paga-se bem agradando; quem tiver annuncie.

Vendas

— Vende-se excellente papel pautado para musica, por preço commodo: na Praça da independencia, livraria ns. 6 8.

— Vende-se uma casa terrea nova, na rua dos Prazeres n. 16; a tratar na rua de Hortas n. 48, segundo andar.

— Vende-se uma preta crioula, de 16 annos, engomma, cose, faz renda, cozinha, ensaboa, não é de rua por não estar acostumada a isto, e sim a todo o serviço de casa; na Rua-nova, loja n. 58, e dá-se por 500,000 reis.

— Vendem-se franjas de retroz de todas as côres, de superior qualidade, da ultima moda, e de bom gosto, por preço commodo; na rua do Amorim n. 43.

– Vende se uma casa na rua das Trincheiras n. 25, em chaõs proprios, que rende 12$ rs mensaes, a qual está hypothecada a Vicente Ferreira da Costa; a tratar na rua de Domingos Pires n. 29.

— Vendem-se quartinhas feitas em Pernambuco, reconhecidas de todos as mais elegantes em seus differentes moldes, de varios tamanhos, do mais proprio, e bem escolhido barro, para bem resfriarem agua, aos centos para embarque, ou qualquer especulador, ou commerciante; na Rua-nova n. 58.

= Vendem-se peças de ganga azul com 13 covados a 720 rs. a peça, meias de linho a 3200 rs. a duzia, fustões aculchuados a 480 rs. o covado, chapeos de massa a 2000 e 2600 rs., e outras muitas fazendas por preço commodo; na rua da Cadeia-velha n. 27.

— Vende-se uma preta, que sabe cozinhar, engommar, ensaboar, e faz todo o mais serviço de uma casa com muita perfeição, e promptidão; na Ponte-velha, lado direito indo para a rua da Gloria n. 66.

= Vendem-se os objectos seguintes, pertencentes ao trafico de azeite de carrapato; 4 meias pipas com dous cavalletes, uma bandeja grande de madeira, e dous flandres com suas competentes medidas; na rua de Hortas n. 130.

= Vende-se uma preta, que cozinha, engomma, e lava bem de varrella, moça, e sem defeito; um preto de boa figura, proprio para armazem, ou prença de algodão, bem moço, e sem achaques; na rua do Vigario n. 8, segundo andar, ou na venda do Pontes na mesma rua, dirá a quem pertence.

= Vendem-se 3 escravos de nação, sendo um moleque com bastante pratica de tratar de cavallo; 3 escravas moças, com bonitas figuras, todos da Costa-de-Mina, com varias habilidades, sem achaques nem vicios; na Rua-direita n. 3, primeiro andar.

— Vende se um escravo de nação Costa, de bonita figura, e entende de cozinha; um molecote trabalhador de enxada, e 12 cazaes de pombos de Lisboa, tudo por preço commodo; na rua do Fogo, sobrado de um andar n. 26.

= Vende-se taboado de costado de vinhatico superior, e 20 pipas de agu'ardente de 22 gráos, promptas para embarque; na rua de Apollo, armazem de assucar n. 20.

— Vende-se arroz de casca a 3840 rs. o alqueire, e vermelho pilado, chá superior a 2560 rs., azeite doce a 3500 rs a canada, e a garrafa a 480 rs, mant iga ingleza a 640 rs., letria a 280 rs., macarrão a 200 rs. a libra, e todos os mais generos por preço commodo; na rua larga do Rozario n. 39.

— Vende se uma venda com poucos fundos, e que vende bastante a retalho, sita na rua dos Bairros-baixos n. 6; a tratar na mesma, ou no beco do Lobato n. 12.

— Vende-se uma venda com poucos fundos, no Recife, rua do Codorniz n. 18; a tratar na mesma.

— Vende-se assucar refinado, e de outras qualidas, café, e sevada moida, por commodo preço; na refinação da rua da Senzalla nova n 4, e nos depositos da rua larga do Rozario n. 38, e Praça-da-Boa vista n. 7.

= Vende-se uma parda de bonita figura, sem vicios, nem achaques, que terá 20 annos; em casa de Antonio da Silva Gusmão, na rua do Queimado.

– Vendem-se 14 cadeiras de angico, todas em bom estado, e por preço commodo; na rua do Livramento n. 6.

— Vende-se uma negra boa cozinheira, engomma, e cose, sem vicio algum por 350 mil rs., isto para pagamento de contas; na rua larga do Rozario n. 35.

= Vende-se superior salça-parrilha, por preço commodo; na rua da Cadeia-velha n. 35.

= Vende-se cera de carnaúba, por preço commodo; na rua da Cruz, armazem n. 33.

— Vendem-se duas escravas moças de 20 annos, sabendo uma perfeitamente engommar, cozinhar, e coser; uma dita lavadeira, e quitandeira; uma preta da Costa com uma cria de um mez, a preta tem muito bom leite; uma parda de 20 annos, engommadeira, e costureira; uma dita de 12 annos, propria para mucama de alguma menina; na rua do Fogo ao pé do Rozario n. 8.

= Francisco de Freitas Gamboa vende a dinheiro, ou a troco de tijolo, posto na camboa da Capunga, os seguintes objectos: um sellim em meio uso, estribos de latão, brida, e coldres de couro de lustro aparelhados de casquinha, por 8000 rs., dous abcdarios de cobre, de preço de 6000 rs., proprios para pintor, ou armazem de assucar, por 12000 rs., o que se póde ver e ajustar na rua do Vigario, armazem do snr. Antonio José de Oliveira Braga; um armario, que servio de archivar os dramas do theatro, e que póde conter para mais de dez mil peças dramaticas em divisões alphabeticas, de augmentar, ou diminuir os vãos, conforme a grandeza dos volumes; é muito bem construido de madeira de amarello, almofadado moderno, e como os repartimentos são portateis, póde servir para archivo de qualquer tribunal, carterio, escriptorio de casa de commercio, e mesmo para guarda-roupa, por ter 9 palmos de largo, 12 ditos de alto, e dous e meio de fundo, 4 portas, e chaves, seu preço 50,000 rs., póde se ver na escada junto da guarda da cadeia, e tratar com José Fernandes Carlos, com loja de calçado junto a mesma; um bomba de patente com 33 pés de comprimento, saca-nabos de bronze, e que repucha agua em grande abundancia, seu preço 120,000 rs., póde se ver e ajustar em casa do snr. Silvestre, no Atterro dos-Affogados.

= Vende-se um cazal de rólas misticas, filhas de um pardo com uma branca, e estão com um filho de 8 dias, muito lindo; na rua de Aguas-verdes n. 36.

— Vende-se um pardo de 30 annos, com officio de sapateiro, e com corpo para qualquer serviço, bom para bolieiro, capaz de ir a qualquer viagem por não ter vicio de fugir, e nem beber; na Praça da-Boa-vista n. 24.

= Vendem-se para liquidação de contas 3 casas pequenas de pedra e cal, sitas na Rua-imperial, ns. 221, 223, e 225; a tratar nas Cinco-pontas, armazem de sal n. 57.

— Vende-se uma casa terrea mui grande, com sotão, por preço commodo, sita na rua dos Copiares n. 5; trata-se na travessa da rua da Gloria para a da Alegria n. 7, ou na rua da Praia, com João Thomaz Pereira.

= Vende-se uma propriedade com dous andares, e dous grandes sotãos, em chãos proprios, livre, e desembaraçada, sendo a dita prodriedade na rua da Moeda n. 9; a tratar na rua da Cadeia n. 57, ou no primeiro andar da casa n. 51 da mesma rua.

= Vendem-se charutos regalia, em caixinhas de 100, 200 e 250, por preço commodo; na rua da Cruz n. 37.

= Vendem-se ricas commendas das ordens de Christo, Roza, e Cruzeiro, assim como habitos das mesmas ordens, por preço commodo; na rua da Senzalla-velha n. 138.

= Vendem-se terrenos com 156 palmos de fundo, com as frentes, que os compradores quizerem, na rua da Concordia, e nas travessas do Monteiro, e Caldeireiro, os quae são de 60 palmos, para onde ditos terrenos tambem fazem frente, em direcção ao rio Capibaribe: estes terrenos achão-se parte atterrados, e parte beneficiados, e tambem teem alagados para a parte do rio, e todos offerecem grande commodidade para a sua edificação, por preço commodo; na rua dos Quarteis, hoje larga do Rozario n. 18.

Escravos fugidos.

= Fugio no dia 15 do corrente um negro de Angola, de nome Bento, de 25 annos, pouco mais, ou menos, altura regular, feia figura, pernas bambas, tem os pés com algumas rachaduras de calor de figado, bastante atravessado no fallar; levou calças de brim trançado, sujas, e rotas, camisa de algodãozinho tambem suja; e mesmo pelo corpo tem signaes de calor de figado; quem o pegar, leve a seu senhor Valeriano José Ribeiro, na villa do Limoeiro, e no Recife na loja de Albino José Ferreira da Cunha.

= Fugio no dia de entrudo 20 de fevereiro de 1844 um escravo cabra, de nome Emidio, de 25 annos, alto, bem grosso do corpo, bastante espadaúdo, com pouca barba, e pequenas suissas, olhos alguma cousa pardos e fundos, cabellos não muito pichaim, côr meia alatoada, pés grandes, e chatos, com signaes que mostraõ ter tido bichos, tem officio de serrar madeira, é natural de Goianna, aondo tem parentes, e julga-se ter ido para esse lugar, ou para a villa do Pombal, onde foi escravo do alferes Manoel Pedro de Souza Barboza; recommenda-se a todas as autoridades policiaes, ou outra qualquer pessoa, que do mesmo tenha noticias o faça conduzir, e entregar a seu snr., na Rua-nova n. 20, que sera generosamente recompensada.

— José Francisco da Silva Penna dá cem mil rs. de gratificação a quem apprehender, e lhe entregar um escravo pertencente ao snr. Vicente Thomaz dos Santos, o qual escrave tem os signaes seguintes: de nome João, do nação Quilhimane, alto, secco do corpo, bonita figura, muito retinto, fallas manças, e pelo corpo algumas cicatrizes de castigo; levou calças, e camisa de algodão americano, e ferro de gancho no pescoço; consta que andou no lugar dos Remedios quando fugio, e agora suppõe-se estar furtado para as bandas de Maceió; quem o pegar, entregue na Rua-imperial n. 67, que lá será satisfeito pelo snr. Santos.

= Dá-se 50$ rs. de gratificação a quem pegar, e levar a rua da Florentina n. 14 o preto José Ponchete, de nação Moçambique, de 20 annos, altura mais que regular, secco do corpo, com dous dentes de menos na frente da parte superior, rosto redondo, bastante retinto, quando falla gagueja alguma cousa, tem de costume ter sempre fumo na bocca; levou camisa de riscado azul, calças de panno preto ja velho; este preto é empalhador de obras de marcineiro; fugio no dia 24 do p. p.

– Fugio no dia 15 do corrente o preto Vicente, crioulo, natural do Porto-dos-touros, provincia do Rio-grande-do-norte, de 25 annos, alto, secco, com todos os dentes da frente, e limados, olhos avermelhados, é um tanto carrancudo, que parece ser falto de vista, com uma costura de queimadura no pescoço do lado esquerdo, bem fallante, e de boa pronuncia; levou chapeo de seda com 4 molas de arame, camisa de madapolão, e calças de algodão tinto, e mais roupa, que se não sabe da qual usará; quem o pegar, leve a seu snr. Domingos da Silva Campos, na rua das Cruzes n 40, que será generosamente recompensado.

= No dia 24 de fevereiro fugio um moleque de nação Angola, official de pedreiro, de 18 annos, côr fula, e feio do rosto, por ter as macães do mesmo fóra do natural, tendo os queixadas largas, e a ponta do queixo fina, de nome João; quem o pegar, leve ao abaixo assignado, que é o seu legitimo snr., na rua do Queimado, que será pago de seu trabalho — *Antonio da Silva Gusmão.*

RECIFE NA TYP. DE M. F DE FARIA. — 1844.